

## **“A ESQUERDA FREUDIANA” & A CONTRACULTURA BRASILEIRA POR LUIZ CARLOS MACIEL**

**Patrícia Marcondes de Barros<sup>1</sup>**

RESUMO: A chamada “esquerda freudiana” ampliou o conceito de política abordando questões culturais, existenciais e sexuais, entrando em sincronia com a juventude contracultural dos anos 60, que ansiava por um entendimento holístico do homem e de sua existência. Neste artigo, nos propomos a repensar tais idéias sob o enfoque do chamado “guru da contracultura brasileira”, Luiz Carlos Maciel, que publicou na coluna Underground (Pasquim) inúmeros artigos sobre o tema, intitulados de “esquerda pornográfica”.

PALAVRAS-CHAVES: Luiz Carlos Maciel, coluna Underground, Pasquim, Contracultura, psicanálise, sexualidade, sociedade.

(...)O que o mundo leigo precisa, sem dúvida, é um pouco de Eros e menos contenda; mas o mundo intelectual precisa de muito mais. Um pouco mais de Eros tornaria consciente a inconsciente harmonia entre sonhadores, dialéticos de todos os tipos – psicanalistas, idealistas, políticos, místicos, poetas, filósofos – e acabaria com polêmicas estereis e insensatas. Uma vez que a ignorância parece ser quase sempre uma questão de auto-ignorância, um pouco mais de consciência psicanalítica de todos os lados (inclusive dos psicanalistas) poderia ser útil a um pouco mais de auto-conhecimento, humildade, humanidade e Eros.(BROWN, 1972,p.371).

A busca por uma existência autêntica levou a geração contracultural da década de 60 a ampliar o seu conceito de política, estendendo-a ao corpo, ao comportamento dos indivíduos, à questão sexual. Tinham como principais referências: a psicanálise, o existencialismo e as filosofias orientalistas, bases da chamada “nova consciência”.

Através da psicanálise e de tua proposta de auto-conhecimento e sanidade psíquica, observava-se o quanto a sociedade era alienante e repressora de nossa

---

<sup>1</sup> Professora universitária, Doutora em História (UNESP) e autora do livro “Panis et Circenses”: A idéia de identidade nacional no Movimento Tropicalista (Editora UEL, 2000).

natureza humana; através do existencialismo, procurava-se o exercício pleno da liberdade, ou seja, o da escolha; e, através das filosofias orientalistas, apontavam-se novos caminhos para a formação de uma nova consciência. Um desses caminhos estava pautado no conceito de instantaneidade, antagônica ao princípio de objetividade da realidade oriunda do pensamento ocidental.

O conceito de instantaneidade nos revela que a realidade não é um sujeito que confronta com um objeto: é uma experiência instantânea. O que aconteceu no instante anterior não existe mais em lugar nenhum, só em nossas cabeças, como memória; isto é uma imagem. Mas as imagens são diferentes entre si e, entre elas, não existe nenhuma objetiva, nuclear e substancial. Para Luiz Carlos Maciel, a compreensão do “aqui e agora” nos remete a idéia de uma política libertadora, na qual a ação é exercida por homens livres comprometidos com a única realidade que é a experiência do instante “vivo”. Esta idéia tântrica, segundo Maciel, colocaria em questão o jogo mentiroso da política que se serve o homem político tradicional, pautada na inércia de se eleger uma política, uma ideologia e descansar nessas idéias. O caminho da libertação e regeneração espiritual da sociedade seria, então, o tantra, que *arranca sua força no desamparo, inventa a vitória no coração da derrota e continua vivo, graças a sua aceitação da morte* (MACIEL, 1987,p.11).

Para o homem alternativo, a realidade é uma experiência direta, “viver o segundo e o instante”, quebrando todas as expectativas futuras.

Maciel, pautado nestas concepções, começou a escrever artigos para o Pasquim, denominado de “A Esquerda Pornográfica”, também chamada por muitos de “esquerda freudiana”. Nesses artigos, comentava a respeito do pensamento de nomes como Marshall McLuhan, Wilhelm Reich, Herbert Marcuse, Norman O. Brown, entre outros, que tratavam da questão sexual na nossa sociedade e que muito influíram no pensamento contracultural. Contestavam não só a organização da sociedade, mas também a organização do próprio espírito. Anterior a questão da sociedade, a mente estava erradamente organizada e condicionada a perpetuação do sistema e de uma humanidade neurótica. O aprofundamento nessas idéias mostrou ser a maturação da visão rebelde. A

sociedade precisava mudar, não apenas pelas diferenças sociais e econômicas que abatiam as classes trabalhadoras, mas porque o sistema como um todo, ou seja, incluindo a classe média e rica, eram igualmente vítimas, suas mentes estavam organizadas e orientadas a um condicionamento que resultava numa vida insatisfatória, depressiva e neurótica. Entendia-se que tanto uns como outros, padeciam de um mesmo sistema e que a transformação deveria ser mais aprofundada, indo além da questão material. A transformação da consciência passou a ser uma urgência e para tanto se devia romper com a antiga maneira de viver. Ou seja, o lema era “drop out”, “cair fora” do sistema, criar uma nova sociedade, surge então a idéia de sociedade alternativa, a formação das chamadas comunidades. “Da cidade para o campo”, “da família para a comunidade”, tudo se tornava comunal: a economia, as tarefas do dia-a-dia, o sexo e o amor. A formação de uma nova organização familiar se fazia necessária. Wilhelm Reich afirma que a deformação do indivíduo começa na família patriarcal, instituição-base da sociedade. É nela que se realiza a inculcação dos valores capitalistas, a repressão sexual, a relação de poder, enfim, revela-se aí um microcosmo da sociedade. A nova organização social das comunidades dá prioridade às preocupações de Reich, caracterizada por sua estrutura não autoritária, pelas relações livres e não compulsórias entre seus membros e pela ausência de repressão sexual. Maciel diz:

(...) Se o sistema somos nós, o underground parte também do suposto de que a revolução, o processo de mudança do sistema, também somos nós. Com isso, dissolvem-se as diferenças clássicas entre a vida pública e a privada, entre existência política e familiar. Um homem que surra o filho à noite, não pode ser o diretor de um jardim de infância de manhã. A vida nova e a nova sociedade começam dentro da casa da gente. (MACIEL, 1973,p.51).

As comunidades não-autoritárias, livres das compulsões neuróticas, acenavam à possibilidade de gerirem um novo homem. Acreditou-se que a nova família seria o começo desse processo.

A família, como outras instituições - prisão, hospício, hospital, reformatório, - tinha como objetivo maior a normatização dos indivíduos, eliminando, assim, as margens, os desagregadores do sistema.

A “nova visão” partia do princípio de que a realidade proposta estava distorcida, não era concreta e sim maya, ou seja, uma ilusão apreendida pelas pessoas. Tinha-se, como proposta principal o descondicionamento, o rompimento daquilo que o sistema se alimentava: “dos pequenos horrores privados”.

Wilhelm Reich analisava que um desses “pequenos horrores” era fundamentalmente a questão sexual das pessoas, que as levavam a ter um “sexo doente”. Reich tinha como preocupação a sanidade psíquica, que se daria através do sexo saudável, um dos descondicionamentos imprescindíveis, segundo ele, para a erradicação da sociedade e de suas formas patológicas, instauradas pela “direita sexual”<sup>2</sup>. Para tanto, seu ponto de partida foi a neurose, entendida não como uma doença individual, mas sim, social. A necessidade de sua profilaxia levou-o a uma crítica profunda dos costumes sexuais de nossa civilização.

Parte de Freud, para quem o desequilíbrio psíquico está sempre ligado a uma perturbação da libido, e chega à conclusão de que o homem é o único responsável pela deturpação de suas funções biológicas naturais. Essa deturpação sexual é concebida como criação da direita sexual, que resultava em crimes sexuais.

Os crimes sexuais, os abortos criminosos, a agonia sexual dos adolescentes, o assassinato das forças vitais nas crianças, as perversões a granel, os esquadrões da pornografia e do vício, a exploração vil da ânsia humana por amor levada a cabo por empresas comerciais e publicitárias vulgares, as milhares de enfermidades tanto psíquicas quanto somáticas, a solidão e a mutilação, tudo isso é resultado de uma repressão sexual sociologicamente determinada e, portanto, alterável. A alternativa que enfrentamos na educação sexual não é entre sexualidade e abstinência, mas entre vida sexual natural e saudável ou perversa e neurótica. (REICH, 1971,p.63-64).

---

<sup>2</sup> A chamada “direita sexual” é concebida aqui como deturpadora do sexo, função natural do homem. Instituciona a repressão sexual através de meios sutis, ocasionando a neurose.

Para Reich, se fazia necessário uma higienização mental para substituir o caos sexual, a prostituição, a pornografia, pela felicidade natural do amor. A sexualidade reprimida, contra as leis da natureza, tende a se manifestar de forma patológica. O falso moralismo e as perversões sexuais são faces de uma mesma moeda, que prolongam a existência da obscenidade e levam à ruína da felicidade do amor, isto porque o homem hipócrita se rege por formas compulsivas externas e não em suas leis internas naturais, tidas como uma “imoralidade”. Ao ser distorcida, sua sexualidade fica mais suscetível à obscenidade, alimentando, assim, a pornografia. Ou seja, a venda da pornografia depende do estímulo generalizado ao sadismo, realizado através do moralismo repressor. Segundo Reich, quando todos tiverem uma sexualidade sadia, não precisarão mais das doenças sádicas e a pornografia não venderá mais.

A pornografia cria uma sensação de liberdade “às avessas”, porque nos faz acreditar que estamos transgredindo regras, fazendo uma “sacanagem”, e nisto não há saúde. A questão era entender o sexo como uma função natural do homem e importante para sua sobrevivência não apenas corpórea, mas mental. O objetivo reichiano era a superação de conflitos emocionais e neuroses com a conseqüente reintegração do indivíduo em sua vida natural.

Para Maciel, a repressão sexual é um processo intelectual, que interfere no sexo e tenta regulá-lo. É esse processo intelectual – o pensamento – que vai decodificar se o sexo é “bom” (lícito) ou “mau” (ilícito), ou seja, ele será o árbitro de uma função que deveria ser natural, desvirtuando-a.

O pensamento não é uma via natural, e sim, uma estrutura mental construída através da educação, geralmente deformadora, negadora do princípio de prazer. Mesmo quando se tenta destruir a construção mental conservadora por outra, ou seja, por um pensamento mais libertário, não há um verdadeiro processo integral do ser que desconstrua as “antigas histórias” criadas pela mente. O que existe são novas construções, tendo como base, “histórias (experiências) repressivas” não superadas. Para Maciel, a verdadeira transformação se dá, não pela contraposição de idéias sobre o sexo, mas sim pela superação da questão sexual.

(...) a minha geração sofreu tantas contradições, com pessoas aparentemente tão liberadas, mas tão apegadas ainda às normas tradicionais. Porque elas estabeleceram com as normas tradicionais apenas um jogo intelectual, apenas um jogo mental. Não atravessaram a verdadeira experiência que pudesse permitir a liberação. Como todas as outras liberações, a liberação sexual depende de uma transformação total do ser. É uma ioga que pode ser atingida pelos métodos de meditação e que tem que transformar o seu corpo e o seu nível de consciência. Eu não sei qual é o primeiro, porque provavelmente é uma transformação simultânea. É uma transformação através da qual você não contrapõe uma idéia sobre o sexo a outra idéia sobre o sexo. Você supera a questão sexual. Supera, no sentido de que o sexo deixa de ser um problema a ser pensado, a ser refletido, a ser resolvido, a ser deliberado. O sexo passa a ser uma manifestação da vida que flui espontaneamente.(MACIEL,1982,p.42).

A favor do sexo como uma manifestação da vida, Norman Mailer, seguidor de Reich, pregava aquilo que o movimento hippie tinha como postura: o desligamento efetivo do indivíduo de todos os valores consagrados de sua cultura e civilização, em prol do físico e da fruição orgiástica de seus instintos, finalmente, libertos. Desenvolve a teoria do poder religioso do sexo, colocando sua revolta e protesto contra a destruição dos instintos e a perversão do sexo, determinado pela moral protestante, monogâmica e repressiva do square americano (MACIEL, 1973, p.33). Partindo da teoria de Reich, do “bom e mau orgasmo”, afirma que o “mau orgasmo” se dá pelo ajustamento do indivíduo ao sistema vigente. O ajustamento social, segundo ele, desenvolveria o câncer, que mais do que uma desordem vital, seria também o resultado da repressão das células, que, revoltas, ocasionam a doença (MACIEL, 1982, p.62).

Se o indivíduo, seguindo uma lógica externa, não se revolta contra a repressão que age incessantemente sobre ele, sua lógica interna, suas células, promovem a revolução. Dessa falta de comunicação do externo com o interno, surgem as doenças. O câncer é considerado a doença do establishment.<sup>3</sup>

Herbert Marcuse e Norman O. Brown forneceram, também, subsídios para pensarmos numa crítica social radical, a partir de princípios psicanalíticos.

---

<sup>3</sup> A AIDS também é considerada uma doença ocasionada pelo sistema, que incentiva às avessas a sexualidade, avivando-a com a pornografia e a prostituição, mas não a satisfazendo de forma integral.Cf. MACIEL,2001,p.231.

Entretanto, chegam a Freud, através de caminhos diferentes, e vêem nele indicações inteiramente divergentes quanto ao caminho a seguir.

Marcuse revaloriza o pensamento utópico - o direito do pensamento à aventura. Parte de Freud sobre a fruição orgiástica do instinto, para uma conceituação filosófica altamente sofisticada em sua obra **Eros e Civilização** (1978), em que desenvolve o conceito de uma cultura libidinal não repressiva, ou seja, que não agredisse os instintos.

Marcuse, na referida obra, discorre sobre a teoria freudiana, que concebe a civilização como castradora do ser humano em suas necessidades instintivas. Contudo, afirma, ao contrário de muitos revisionistas, que a civilização cria as pré-condições para a abolição da repressão e transformação da sociedade.

Em seu prefácio da primeira edição, escrito em 1966, Marcuse destaca o fato da moderna sociedade industrial depender, cada vez mais, da produção, do consumo e do obsoletismo planejado. Localiza o “inferno” nos guetos da sociedade afluyente e nas áreas cruciais do mundo subdesenvolvido, e interpreta a propagação de guerrilhas, no apogeu do século tecnológico, como um acontecimento simbólico: a energia do corpo rebela-se contra a repressão intolerável e lança-se contra as máquinas de opressão. Ou seja, dentro do corpo doente (a sociedade) se manifestam os “anticorpos”, geradores de sua destruição, a isto Marcuse chama de dialética da civilização (MARCUSE, 1968, p. 65).

A história do homem, segundo Freud, é a história de sua repressão, e o que chamamos de civilização, é a não gratificação dos instintos. Marcuse afirma que, dentro deste contexto, o princípio de realidade (sujeito consciente, Thanatos) supera o princípio de prazer (sujeito inconsciente, Eros), através de uma mudança em sua estrutura instintiva (que se dá através de uma contingência histórica e não biológica), que desvia sua energia sexual para o trabalho. Nisto, consiste a mais-repressão<sup>4</sup> e o princípio de desempenho.

O princípio de desempenho é o da sociedade aquisitiva em processo de grande expansão, quando, através de um longo desenvolvimento, verifica-se uma

---

<sup>4</sup> Marcuse utiliza o conceito de “mais-repressão” para designar as restrições requeridas pela dominação social. Cf. IDEM, p.50.

dominação crescentemente racionalizada (tecnocracia). O controle sobre o trabalho social reproduz a sociedade numa escala ampliada e sob a aparência de condições progressistas. Durante uma considerável parte dessa evolução, os interesses de dominação e os interesses do todo coincidem: a utilização lucrativa do sistema produtivo satisfaz as necessidades e faculdades dos indivíduos.

Para a esmagadora maioria da população, a extensão e o modo de satisfação são determinados pelo seu trabalho. Contudo, é um trabalho para uma engrenagem que ela não controla (ao contrário, é controlada), que funciona como um poder independente a que o indivíduo tem de submeter-se para viver, tornando-se mais “estranho”, quanto mais especializada se torna a divisão do trabalho. Assim sendo, os homens não vivem plenamente suas vidas e sim, desempenham somente funções preestabelecidas. Enquanto trabalham, não satisfazem suas próprias necessidades e faculdades, mas trabalham sob alienação<sup>5</sup>. Quanto mais trabalha, mais desloca sua energia sexual e, fazendo isso, sua carga de agressividade aumenta. A repressão sexual aumenta, utilizando não de uma sublimação, mas sim de uma “dessublimação”. Ou seja, não se oprime proibindo as manifestações do instinto sexual. Ao contrário, estimula, sem satisfazê-lo. Marcuse dá a denominação desse fenômeno de “dessublimação repressiva”.

Maciel, na coluna *Underground*, cita Marcuse:

(...) Liberta da forma sublimada, a sensualidade se torna um veículo para os best-sellers da opressão. Esta sociedade transforma tudo o que toca em fonte potencial de progresso e de exploração, de servidão e satisfação, de liberdade e de opressão. A sexualidade não constitui exceção. Segundo Freud, o fortalecimento da sexualidade (libido) importaria necessariamente o enfraquecimento da agressividade e vice-versa. Contudo, a libertação da libido, socialmente permitida e encorajada, é a da sexualidade parcial, a localizada, ela equivale a uma compressão real da energia erótica e essa dessublimação é compatível com o crescimento tanto de formas não-sublimadas como sublimadas de agressividade. Esta é a desenfreada em toda a sociedade industrial contemporânea.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> O trabalho alienado é entendido como ausência de gratificação. A libido é desviada para desempenhos socialmente úteis (que muitas vezes não coincidem com suas vontades). Cf. Idem, p.58.

<sup>6</sup> *A Esquerda Pornográfica (II) A vez de Marcuse*. PASQUIM, no. 26 – de 18 a 24/12/1969.

A dessublimação é entendida como uma excitação do instinto para adoecê-lo. E os homens doentes são mais submissos ao sistema de dominação...

Contudo, Marcuse não é a favor da liberação total do ego, pois acredita que o mesmo se auto-regula, sem necessidade de repressão. Acredita que apenas a “repressão excedente” deve ser totalmente abolida. Marcuse acreditava numa revolução do pensamento marxista, com a colaboração imprescindível da psicanálise freudiana.

Norman O. Brown, ao contrário de Reich e Marcuse, não se propôs apenas a uma interpretação de Freud e da psicanálise, quis se lançar além dela. Para tanto, pautado no misticismo, no romantismo alemão que culminou com a grande reviravolta de Nietzsche e na poesia, lançou-se numa lógica capaz de reconhecer a unidade final dos opostos. Esta nova percepção não-dualista ofereceu uma nova relação com a humanidade.

Em seu livro **Life against Death**, Brown compara e relaciona as descobertas da psicanálise de Freud com as grandes tradições religiosas, para extrair reveladoras conclusões. Uma delas surgiu através do seu conceito de união dos opostos, ou seja, somos todos bissexuais, um único libido, embora os objetivos sejam tanto ativos como passivos. Sua obra procura a reconciliação dos instintos “inimigos” de Freud: Eros (vida) e Thanatos (morte), uma unificação que, em nível inconsciente, é idêntica a unidade entre macho e fêmea.

A cura da neurose seria a superação do dualismo, causador de sofrimentos, existente no inconsciente “andrógino”, ou seja, reunificar Eros com Thanatos.

(...) Brown é monista. A coisa a lembrar em Marx, diz ele, é sua visão além deste mundo, para outro, possível, de união, comunhão, comunismo. É preciso deixar claro: o burguês ordinário não será capaz de levar seu pequeno eu, sua pretensa pessoa e sua prosperidade para o novo mundo. Mas o Reino dos Céus nesta terra é possível: outro mundo, a negação da selva vigente, comunhão. Uma forma mais elevada de caos, em vez de confusão. Unidade de sujeito e objeto, participação mística. (MACIEL, 2001, p.144).

Em outra obra, **Love's Body** (1966), Brown afirma que só há um corpo – e que este é andrógino. Os corpos múltiplos são aparentes, segundo ele, e apesar das aparências, a unidade permanece sempre no inconsciente (tido por Brown como o real). O objetivo de Brown consiste em superar os principais dualismos dominantes em nossa cultura. A androginia é discutida no capítulo que trata da união de toda a humanidade num único corpo. Diz Brown: Almas, personalidades e egos são máscaras, espectros, escondendo nossa unidade como corpo. Só há um corpo (MACIEL,2001,p.217).Sustenta seus argumentos, através da religião. Brown cita o Gêneses bíblico para legitimar a natureza andrógina de Deus. Segundo sua interpretação: Deus criou o homem à própria imagem, macho e fêmea.

O andrógino reunifica os opostos separados por nossa alienação psicológica fundamental, responsável por nossos conflitos internos, neuroses, e os múltiplos desastres, daí resultantes. A regeneração da espécie, segundo Brown, é tal qual a teologia cristã prescreve: “a ressurreição do corpo”, ou seja, a plena atualização de todas as suas potencialidades – o corpo andrógino. Contudo, Brown não se refere à bissexualidade como nós a entendemos e sim, como um corpo que ressurgem sem centro genital, porque não tem mais um centro egóico; é um corpo místico, síntese da dualidade.

Os objetivos de Brown são apocalípticos, vão muito além das propostas de Freud, Reich e Marcuse. O tema central da obra **Love's Body** é exatamente o Juízo Final, a destruição do mundo, a abolição do tempo histórico. O apocalipse é o mundo interno e mental, concebido como a “segunda vinda de Cristo”. Consiste na libertação da mente em relação ao maya mundano e a busca do satori. A ressexualização do corpo, segundo Brown, é a plenitude dos sentidos, livres das obstruções mentais elaboradas pelo ego. O andrógino é “Pai, Filho e Espírito Santo”.

Para Brown, deveríamos:

(...)nos erguer da história para o mistério, experimentando a ressurreição do corpo aqui e agora, como uma realidade eterna; experimentar a parúsia, a presença do presente, que é o

espírito; experimentar a reencarnação da encarnação, a segunda vinda em nós”. (BROWN apud MACIEL, 2001, p.144).

Maciel se entusiasmou com as idéias de Brown, pois considerava as de Reich como as de Marcuse um tanto quanto machistas, já superadas. Isto porque, segundo Maciel, concebem a visão dualista como um meio (mesmo que inconsciente) de preservar a idéia do macho.

Houve muitas polêmicas em torno das diferenças ideológicas entre Marcuse e Brown, Maciel também não deixou de as assinalar, explica:

A primeira questão, a básica, é a história. Para Marcuse, ela é real; para Brown, uma ilusão. Se os reinos políticos, como diz Brown, são “sombras”, o poder político é uma mentira: o rei está totalmente nú. Para Marcuse, o rei veste roupas cruéis, tangíveis: opressão, fome. Elas “fazem a história”, diz Marcuse. Brown, entretanto, conclama: devemos nos erguer da história para o mistério. Para ele, a própria revolução é cíclica. Mesmo o novo é renovação. Como no começo. A idéia de progresso sendo posta em questão: a realidade de Marx não pode esconder a realidade de Nietzsche. (BROWN apud MACIEL, 2001, p.143).

Marcuse, segundo Maciel, insiste no dualismo e o tem como principal fonte de prazer. Ou seja, as divisões, os opostos, “o pênis e a vagina”, são a fonte maior do prazer humano. Acredita, também, na “verdadeira luta” como sendo a política, meio de se produzir um “eu”, uma “pessoa”, em substituição do falso “eu” (alienado) engendrado pelo sistema.

Para Brown, a verdadeira luta não é a política, mas sim, a de abolir a política em favor de uma meta política, de uma organização genital que, segundo ele, reorganizaria a sociedade. Segundo Brown, o “eu”, “pessoa” e propriedade, são o mesmo que organização genital.

“Da política para a vida”. Brown acreditava na revolução como criação, arte, ressurreição, renovação e não como um progresso no sentido que os tecnocratas entendiam.

Maciel comenta as idéias de Brown:

(...) A sagrada comunhão como base da comunidade; a Eucaristia: o canibalismo. Deus não é o Logos abstrato, a Razão desencarnada, mas – sustenta Brown – a Forma Humana

Divinizada. A secreta tradição tântrica: a libertação através do corpo. A ressurreição do corpo. (MACIEL,2001, p.145).

Marcuse acreditava ainda nos velhos ídolos, mantendo-se firme às tradições. Brown, ao contrário, derrubava os ídolos, acreditava que do real, sobre o qual nada pode ser dito, tudo pode ser dito: poesia, eterna criação (IDEM, p.145).

Os artigos publicados por Maciel, sobre a chamada “esquerda pornográfica”, alcançaram uma grande repercussão, que resultaram em inúmeras cartas por parte de jovens, que procuravam soluções não convencionais para suas vidas, e, também, grandes embaraços com a censura da época.

Maciel escreveu o artigo **Revolução Sexual**, que consistia em anúncios tirados de revistas norte-americanas propondo transas sexuais, que na verdade, nada tinham a ver com a proposta reichiana de Revolução Sexual, ou seja, de saneamento sexual. Tratava-se apenas de extravasar fantasias sexuais, que Maciel achou engraçado e resolveu publicar.

Aí vão alguns exemplos de anúncios tirados por Maciel da revista **Evergreen Review**, nº 66, de maio de 1969, página 94, e colocados na coluna Underground:

“Garota Bacana - deseja encontrar outra garota bacana que goste de garotas bacanas. Caixa PS no. 1266.”

“O Homem Grandalhão - que molestou a menininha de sete anos de idade, de rabo-de-cavalo, vestidinho curto e sapatinhos de couro, há 11 anos atrás, na estação do subway, na esquina da Rua 14, com Canarsie, poderia aparecer e apresentar-se? Eu sou a menina. Nunca consegui esquecê-lo. Agora estou pronta. Caixa PS 1166.<sup>7</sup>”

Atualmente, os anúncios acima não deixariam mais nem uma freira ruborizada. Na chamada “grande imprensa” há inúmeros anúncios propondo transas, desde pessoas que querem extravasar suas fantasias até a prostituição de mulheres e homens. Nos outdoors das cidades, imagens provocantes para vender lingerie, sabonete, perfume, sabão em pó, lápis e etc... Nas bancas, revistas com estratégias e dicas para deixar “o seu parceiro louco!” Na farmácia, a

---

<sup>7</sup> *Revolução Sexual, Pasquim* nº 08 - agosto de 1969.

venda do Viagra, na televisão e na internet você “vê a vida como ela é”. O sexo tornou-se um “grande negócio...”

Contudo, em fins da década de 60, as coisas não eram tão escancaradas, havia ainda a repressão sublimada.

**O Pasquim** já estava visado pela censura. Os artigos de Maciel sobre a sexualidade apenas foram mais um motivo para os militares cercearem a atuação do jornal. Maciel foi, então, processado pela Lei de Imprensa, que o acusou de atentado à moral e aos bons costumes. O juiz que o sentenciou acreditava que ele era o responsável pela propagação da “imoralidade” no Brasil...

Mas quem era tido como maior propagador da sacanagem no mundo? Resposta: os meios de comunicação, especificamente a televisão. Era esta a visão de Marshall McLuhan, que ficou famoso com seus estudos sobre comunicação de massas. Descobriu que a sociedade, a cultura, a civilização e os costumes são diretamente determinados pelos meios de comunicação entre os homens. Ou seja, o mundo atual é moldado pelos meios eletrônicos de comunicação. Em fins da década de 60, era a televisão. Atualmente, temos a influência poderosa não apenas da TV, como também, da internet, que nos une numa idéia de “aldeia global”. Era essa a visão de McLuhan, a idéia de retribalização, tendo como principal característica, a liberdade sexual.

Toda a orientação das jovens gerações é no sentido de uma volta ao nativo e isso reflete nos seus costumes, na sua música, no seu cabelo comprido e no seu comportamento sócio-sexual. A geração com menos de vinte anos já está se tornando parte de um clã das selvas. Quando o jovem entra para esse clã, seus sentidos são eletricamente intensificados e ganham mais extensão. Há, então, uma amplificação correspondente de sua sensibilidade sexual. A nudez e a sexualidade desinibida estão crescendo porque a TV faz uma tatuagem de suas mensagens em nossa pele e transforma as roupas numa barreira e em algo obsoleto (...) A televisão, estimulando todos os sentidos ao mesmo tempo, também dá uma dimensão sexual nova e mais rica à sexualidade cotidiana (...).<sup>8</sup>

Ou seja, os meios de comunicação (especificamente a televisão), eram considerados armas poderosas para a Revolução Sexual em curso. Acreditava-se que a televisão era o meio capaz de produzir uma cultura libertária, através da

---

<sup>8</sup> *Esquerda Pornográfica (1), Hoje: Marshall McLuhan. PASQUIM, no. 25 – de 11 a 17/12/69.*

disseminação da idéia de nudez e sexualidade. Muitos creditam a esse pensamento de Mcluhan, uma dissolução dos costumes. Contudo, a análise que Mcluhan nos impõe é de observarmos o quanto a sociedade e seus costumes estão se dissolvendo instantaneamente, se transformando, através, principalmente, da televisão, em um meio de desterritorialização, a criação de uma subcultura tribalizada, “ligada e sintonizada”.

A chamada “Esquerda Pornográfica”, como vimos, não tem nada de pornográfica, ao contrário, prega o sexo sadio, não distorcido pelos labirintos entre o consciente (princípio de realidade) e o inconsciente (princípio de prazer). Só através de uma sexualidade sadia, de uma organização genital, se poderia mudar a sociedade, aniquilando as dualidades que o sistema impõe e que geram conflitos e, conseqüentemente, as neuroses.

Termino o capítulo com a máxima de Ratinarasa Tantra que, em poucas palavras, define a rebeldia política da chamada “esquerda freudiana”: “Aquele que percebe a verdade do corpo pode vir a conhecer a verdade do universo” (MACIEL, 2001, p.199).